

Crônica

William Costa
wpcosta.2007@gmail.com

Ah! Se eu fosse pintor!

Ao procurar na gaveta da cômoda antiga o documento perdido no tempo, eis que me deparo com um convite, já amarelecido, para assistir à exposição de pintores na galeria "Gamela", datado de 1993 – lá se vão 24 anos. Seria um convite comum, desses que a gente recebe e nem sempre atende, se não fosse o primoroso texto que acompanha o apelo à presença.

São muitos os artistas convidados para essa exposição: Alexandre Filho, Alice Vinagre, Ascal, Clarice Lins, Corbiniano Lins, Chico Dantas, Cláudio Santa Cruz, Dalva Oliveira, Flávio Tavares, Fernando Lopes, Fred Svendsen, Francisco Araújo, Francisco Neves, Ivan Freitas, Irene, Isa Galindo, José Altino, Lacet, Marlene Almeida, Pierre Chalita, Regis Cavalcanti, Roró, Raul Córdula, Sandoval Fagundes, Solange Chalita, Sergio Lucena e Tadeu Lira. Agora, incluo, por minha conta, outros que bem poderiam constar de tão significativo rol - Hermano José, Miguel dos Santos, Roberto Lúcio e Clovis Filho.

Aproveitando o precioso achado do convite que eu não buscava, resolvo homenagear os nossos pintores ao lembrar o belo texto, extraído de uma crônica de Cecília Meirelles, cujo título é "Se eu fosse pintor" em que a grande escritora diz – como só ela sabia dizer – o que muitos de nós gostaríamos de ter dito.

E, sem pedir licença pela cópia, transcrevo-o abaixo, e o faço como homenagem aos pintores da nossa terra. Alegro-me ao passar adiante as inspiradas palavras da consagrada brasileira – uma das maiores expressões da nossa literatura em todos os tempos.

Deliciemo-nos, pois, com o que escreveu Cecília Meirelles, na sua fantasia de ser pintora:

"Se eu fosse pintor começaria a delinear este primeiro plano de trepadeiras entrelaçadas, com pequenos

jasmins e grandes campânulas roxas, por onde flutua uma borboleta cor de marfim, com um pouco de ouro nas pontas das asas.

Mas logo depois, entre o primeiro plano e a casa fechada, há pombos de cintilante alvura, e pássaros azuis tão rápidos e certos que seria impossível deixar de fixá-los, para dar alegria aos olhos dos que jamais ou viram ou verão. Mas por detrás estão as velhas casas, pequenas e tortas, pintadas de cores vivas, como desenhos infantis, com seus varais carregados de toalhas de mesa, saias floridas, panos vermelhos e amarelos, combinados harmoniosamente pela lavadeira que ali os colocou. Se eu fosse pintor, como poderia perder esse arranjo, tão simples e natural, e ao mesmo tempo de tão admirável efeito?

... Sinto, porém, que tudo isso por onde vão meus olhos, ao subirem do vale à montanha, possui uma riqueza invisível, que a distância abafa e desfaz: por detrás dessas paredes, desses muros, dentro dessas casas pobres e desses castelinhos de brinquedo, há criaturas que falam, discutem, entendem-se e não se entendem, amam, odeiam, desejam, acordam todos os dias com mil perguntas e não sei se chegam à noite com alguma resposta.

Se eu fosse pintor, gostaria de pintar esse último plano, esse último recesso da paisagem. Mas houve jamais algum pintor que pudesse fixar esse móvel oceano, inquieto, incerto, constantemente variável que é o pensamento humano?"

Precisa dizer mais alguma coisa? Talvez, mas só se eu fosse pintor... Como não sou, encerro a crônica com versos dela que, para mim, são talvez dos melhores que escreveu: "Aprendi com a primavera a me deixar cortar. E a voltar sempre inteira..."



A barreira do Cabo Branco retratada pelo saudoso Hermano José

Fotos: Reprodução/Internet

Cronicartigo

Pereira Sitônio Pinto
Escritor - sitoniopinto@gmail.com

Coréia

O massacre traiçoeiro de Pearl Harbor foi benfazejo para a História, pois os EUA partiram para a guerra com toda sua gente

Essa ideia de jogar bomba atômica na Coreia do Norte é antiga. Quem quis fazer isso foi o marechal Douglas MacArthur, durante a guerra da Coreia (1950-53). Ele era o comandante das FA norte americanas no Pacífico. Já era desde a guerra mundial de 1941-45, quando os yanques jogaram duas bombas daquelas no Japão. Digo assim, 1941, porque foi o ano em que os gringos entraram na guerra, depois de Pearl Harbor. Sem a participação dos caubóis, a vitória sobre a ditadura nazista seria bem mais difícil. A cúpula nazi-fascista errou ao fazer a correlação de forças, se é que fez.

Quem fez essa correlação, – e fez em feita – foi o Almirante Yamamoto, o homem que planejou e comandou o ataque a Pearl Harbor. Yamamoto não era apenas um marinheiro. Ele fez pós-graduação em economia nos EUA, e conhecia o potencial industrial norte-americano. Yamamoto não ficou eufórico com a vitória em Pearl Harbor. Receio que apenas acordamos um gigante adormecido – disse ele. E a seus pares, revelou que poderia repelir contra-ataque norte-americano por seis meses, não mais que isso. De fato, seis meses depois de Pearl Harbor, aconteceu Midway – onde a força estratégica da marinha imperial japonesa foi a pique.

O massacre traiçoeiro de Pearl Harbor foi benfazejo para a História, pois os EUA partiram para a guerra com toda sua gente – brancos, negros, índios, trabalhadores, trabalhadoras e capitalistas. Fizeram 100 porta-aviões, a cada hora produziam um bombardeiro B-24 liberator, romperam o bloqueio do Atlântico Norte para acudir os ingleses e venderam fiado à URSS – no que ela

mais precisou. O Brasil comprou a esquadrilha dos caças Republic Thunderbolt P-47, e também foi para a briga dos cachorros grandes. Até Chateaubriand passou o pires para se pagar os aviões.

McArthur voltou para casa com o gosto ruim de guerra perdida na boca. E pagou um alto preço no seu contra-ataque, empurrando o exército japonês para trás a um custo elevado de soldados mortos, feridos e desaparecidos. A força aérea e a marinha não existiam mais, só o exército e um povo armado de lanças – dizem os defensores do uso das bombas de Nagasaki e Iroshima. Que o preço em vidas humanas seria muito alto para os EUA. A resistên-

cia japonesa seria a inauguração da guerra popular na História. Poucos anos depois, o povo coreano dava uma coça nas FA americanas, comandadas pelo condestável McArthur. E ele quis apelar para as bombas. Perdeu o comando.

Na Coreia os yanques perderam mais homens de que no Pacífico, contra os japoneses (50 mil). McArthur não quis repetir esse feito. E outro general – Eisenhower – foi eleito presidente dos EUA com o voto das mães, das filhas e das noivas dos combatentes na Coreia. As mulheres não gostam das guerras, onde morrem seus amores.

A Segunda Guerra Mundial foi o segundo tempo da primeira – que não havia sido resolvida. Mal terminada, a Primeira Guerra rebentou outra vez, numa recaída histórica, duas décadas após o armistício. O estômagos e o orgulho do povo alemão estavam sofrendo tanto que aderiram a ideia de vingança, gritada pela voz do louco mais louco do mundo. Por sua vez, o capital japonês reclamava o petróleo que os EUA lhe negava. Esse petróleo ausente ateou fogo no mar. O sudeste asiático e seus recursos naturais – além de sua posição estratégica ao sul da China – despertaram a cobiça de franceses e de gringos.

E vieram as guerras da Indochina e da Coreia. O conflito da Indochina só terminou com a rendição dos EUA, no Vietnã, e a da Coreia parece inconclusa como foi a Primeira Mundial. Mas, dessa vez, as partes arreganharam armas atômicas, mais ofensivas que o cachimbo de sabugo de McArthur.

(Sempre terças, quintas e sábados)



Thomas Bruno Oliveira

Da SPA e do IHCG, thomasbruno84@gmail.com

Um lajedo no Cariri Parahybano

Boqueirão, a famosa cidade das águas, cuja barragem da bocaína da Serra do Carnoió fez aquele sertão virar mar, é um oásis no semiárido. De sol forte e luminoso, terra vermelha, céu azul, caatinga sempre viçosa e gente hospitaleira, o município de Boqueirão é um pedaço do Cariri de peculiaridades surpreendentes.

Tomando a estrada da barragem, que segue para o sangradouro do açude, penetra-se na estrada de terra que leva ao povoado do Marinho, a seis quilômetros da cidade, que, diga-se de passagem, é um espetáculo à parte. Galos-de-Campina, em casais e toda sorte de passarinhos silvestres a todo instante se mostram na estrada como que fazendo as honras da casa, com seus estridulares harmônicos, a orquestra da natureza como diz minha amiga Ida. Quando os ventos se tornam favoráveis, o aroma do marmeleiro se mescla com a poeira ferruginosa da estrada assanhada, exalando um cheiro gostoso... lascivo, pungente, vivaz... E a majestosa Serra do Carnoió, permanente na paisagem, nem parece estar estática, a impressão é que vai nos escoltando durante toda a viagem por aquela estrada de surpresas agradáveis.

O percurso é relativamente curto, dada a vontade de que aquela estrada nunca mais se acabe. Mas uma hora tem que se chegar ao destino, e para lá vamos. O povoado do Marinho é um pequeno núcleo urbano, meio rural, perdido no meio do nada, de casas conjuntas, uma praça central, cavalos, galinhas e cabras transitando livremente sobre o calçamento, pessoas simples às calçadas vendo o dia passar, crianças correndo eufóricas e a cada vinte metros tínhamos de vencer uma lombada erguida no calçamento para assegurar a liberdade destas garatujas. Tudo ali tem aspecto bucólico. Junto ao povoado se ergue um serrote, e em seu cume granítico se destacam curiosos blocos de pedra suspensos em nada, como que desafiando a gravidade, vigilantes ao povoado, e de lá uma energia magnética nos atrai, como imã. É o lajedo do Marinho, um lugar mágico e encantador.

No povoado, dois homens nos aguardam com hospitalidade, os simpáticos Nadilson Valentim e José Francisco Plácido. São os guias do lajedo, os zeladores, dois idealistas que resolveram preservar e divulgar os encantos deste lajedo para atrair turistas e aquecer a economia local. Para acessar o lajedo, eles fizeram um caminho rústico e engenhoso, com lixeiras a cada cinquenta metros feitas de varas de marmeleiros. O caminho de acesso ao cume do serrote é uma trilha pétrea e estreita, com meio fio balizando o assoalho rústico de pedra rachão, no percurso há frondosos cajueiros, mangueiras, um pitoresco tanque de pedra, um antigo cruzeiro (símbolo da religiosidade local) e as ruínas de uma antiga casa de farinha, belamente recoberta pelos aromáticos ramos do melão-de-São-Caetano. Na trilha não é difícil encontrar ninhos de aves, curiosas lagartixas, pequenos roedores e insetos das mais variadas cores e formas.

Na meia encosta do serrote, pouco antes de se chegar ao lajedo, nos defrontamos com o remoto. Ali uma pedra se ergue imponente e em sua superfície há inúmeras sinalizações rupestres, feitas em tinta ocre por homens pré-históricos, denunciando que outros já estiveram ali milhares de anos antes de nós. Desenhos enigmáticos que retratam um imaginário há muito perdido na bruma do tempo.

Continuando o percurso, mais alguns metros acima, antes mesmo de nos desfazermos da impressão daquele mistério rupestre, nos deparamos com o topo do lajedo, o mesmo que desde nossa chegada ao povoado insistentemente nos convidava a vê-lo, no alto de seus 528m de altitude. Ali é um espetáculo à parte, entre enormes blocos de pedras a nos rodear, como que curiosos à nossa presença, o lugar parece um centro cerimonial primitivo. A força magnética do granito se funde à belíssima paisagem circundante de vales entre serras. A gente sente como que se estivesse no Olimpo dos deuses gregos. No céu, caracaras sobrevoam atentos a possíveis presas e urubus plainam ao sabor dos ventos soantes que entoam os cantos litúrgicos da caatinga. É simplesmente fantástico! Inesquecível.

Os guias, ufanos diante de nossa expressão de surpresa e êxtase, perdem a timidez e ganham determinação para narrar histórias e lendas que a tradição oral majestosamente preservou, mostrando e explicando cada detalhe do lugar, o nome de cada serra, vale, planta, mostram um fogão à lenha por eles construído lá em cima, um banheiro, uma mesa de pedra, falam de outros visitantes que lá estiveram e, com a mesma euforia daquelas crianças que há pouco brincavam à rua do povoado, nos contavam seus planos futuros para abrihantar ainda mais o lugar, que está pronto para receber turistas. Sempre enfatizando que tudo ali deve ser feito nos moldes ecologicamente corretos.

Percebe-se que estes guias, embora sejam homens simples, procuram se informar sobre os métodos adequados do turismo rural e também é visível que eles nutrem muito respeito pelo meio ambiente e carinho pelo lugar. Tudo isso, aliado a hospitalidade natural do caririzeiro e a incontestável beleza e magia da região, em uma simbiose perfeita capaz de deleitar qualquer um que se aventure a conhecer o Lajedo do Marinho.